



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS/CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS**

LAYANE SALES ROCHA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA *A FALÊNCIA* DE JÚLIA LOPES DE
ALMEIDA: LITERATURA E FEMINISMO**

Palmas -TO

2023



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS/CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM LETRAS**

LAYANE SALES ROCHA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA *A FALÊNCIA* DE JÚLIA LOPES DE
ALMEIDA: LITERATURA E FEMINISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do Título
de Licenciatura em Letras- Habilitação em Língua
Portuguesa do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO,
Campus Palmas/TO.

Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Nahete de
Alcântara Silva

Palmas -TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

R672c Rocha, Layane Sales
A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA A FALÊNCIA DE JÚLIA
LOPES DE ALMEIDA : LITERATURA E FEMINISMO / Layane Sales
Rocha. – Palmas, TO, 2023.
46 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientadora: Dra. Nahete de Alcântara Silva

1. A condição da mulher. 2. Literatura e Feminismo. 3. Júlia
Lopes de Almeida. I. de Alcântara Silva, Nahete. II. Título.

CDD 400

A CONDIÇÃO DA MULHER NA OBRA *A FALÊNCIA* DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: LITERATURA E FEMINISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do curso de Graduação em Letras- Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Nahete de Alcântara Silva

Aprovado em: ____/____/____

Prof^a., Dr^a. Nahete de Alcântara Silva
IFTO – CAMPUS PALMAS

Prof.^a, MSc. Fernanda Silva Neves
IFTO – CAMPUS PALMAS

Prof^a. MSc, Elaine Cristina Rodrigues Aguiar
IFTO – CAMPUS PALMAS

*Mas, seja qual for a guerra que lhe façam, o
feminismo vencerá, porque não nasceu da vaidade,
mas da necessidade que obriga a triunfar.*

Júlia Lopes de Almeida

AGRADECIMENTOS

A Deus e o universo por colocar caminhos diferentes ao qual percorri por toda minha vida acadêmica.

Aos professores que manteve vivo o meu sonho de concluir a graduação, e em especial a minha professora e orientadora Nahete, que ampliou minha perspectiva em relação ao estudo da literatura, além de contribuir para a construção do meu trabalho.

A base da minha existência, meus pais, Edmar e Neri, por toda compreensão e paciência do mundo até hoje, e por nunca desistir da minha jornada. Aos meus irmãos Salete e Neurimar, que de várias formas possíveis contribuíram para que eu pudesse estar aqui hoje. A minha sobrinha Lara, pelas ligações em vídeo chamada ao qual ensaiava os conteúdos das aulas de regência.

Agradeço a tantas outras pessoas que compartilharam comigo momentos de alegrias e os difíceis. Em destaque aos meus grandes amigos Loreny, Thallyta, Madson e Ana Carolina, que durante todo esse tempo sempre estiveram abertos a ajudar e ouvir as lamentações uns dos outros, a faculdade seria vazia sem vocês.

E por fim, agradeço a cada oportunidade que tive de vivenciar a arte da educação.

“Durante muito tempo ficou-me a idéia idiota de que era homem, forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura”.

Graciliano Ramos

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a condição da mulher na obra *A Falência* de Júlia Lopes de Almeida, bem como uma boa parte de sua trajetória bibliográfica. Abordamos também a influência do movimento feminista para com as mulheres escritoras entre os séculos XIX e XX, e a evolução da então literatura de autoria feminina. Júlia Lopes nos permitiu concluir, que colocou em prática, em sua produção literária e em suas ações concretas, um feminismo possível dentro do quadro de sua época e dos limites dados pelo meio social em que se desenvolveu. E foi graças às suas poucas abordagens consideradas agressivas que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais. Assim, ela pode apresentar a seu público leitor, na maioria mulheres, temáticas como a importância da educação para o sexo feminino, a política e educação. Este trabalho buscou através de teóricos como De Luca (1995), Del Priore (1994), Duarte (2003), Eleutério (2005), Foucault (1996), Moreira (2003), Zolin (2009), com a finalidade de compreender a condição da mulher que durante muito tempo foi construída dentro de um sistema opressor.

Palavras-chave: A condição da mulher. Feminista. Literatura.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the condition of women in the work *A Falência* by Júlia Lopes de Almeida, as well as a good part of its bibliographic trajectory. We also approach the influence of the feminist movement towards women writers between the 19th and 20th centuries, and the evolution of the then female authorship literature. Júlia Lopes allowed us to conclude that she put into practice, in her literary production and in her concrete actions, a possible feminism within the framework of her time and the limits given by the social environment in which she developed. And it was thanks to her few approaches considered aggressive that the writer had guaranteed access to the great mass of readers distributed by the most different social strata. Thus, she can present to her readership, mostly women, themes such as the importance of education for women, politics and education. This work sought through theorists such as De Luca (1995), Del Priore (1994), Duarte (2003), Eleutério (2005), Foucault (1996), Moreira (2003), Zolin (2009). At the end of the work, it was attested that the condition of women for a long time was built from an oppressive system.

Keywords: The condition of women. Feminist. Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: UMA MULHER DE TALENTO INEGÁVEL.....	13
2.1 A condição da mulher em <i>A falência</i>	15
2.2 Júlia Lopes e o feminismo: sobre o olhar da crítica.	23
3. A LITERATURA NO BRASIL E O MOVIMENTO FEMINISTA	27
3.1 Literatura de autoria feminina.	31
3.2 Patriarcado: um lugar de interdição.	34
4. PROCEDIMENTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
7. REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a literatura de autoria feminina ainda faz parte de debates em relação ao reconhecimento do papel da mulher na sociedade e na relação com o espaço público, em um ambiente onde o gênero tem uma predominância na aceitação/inclusão do seu papel, mesmo ciente da contribuição de grande importância sendo significativa à sociedade, lembrando ainda que não caracterizamos o gênero para indicar a relevância na sua contribuição literária.

Júlia Lopes de Almeida é uma entre tantas escritoras que promoveram a visibilidade da mulher dentro da literatura. Foi simpatizante dos pensamentos positivistas e científicos de sua época. Ela acreditava que a República moveria o Brasil para o progresso. No entanto, em um curto espaço de tempo, suas obras de linguagem realistas/naturalistas, indicavam a falência precoce de suas expectativas políticas. Mesmo assim, Júlia Lopes continuou suas investidas junto ao seu principal público leitor: as mulheres e as crianças. (SILVA, 2014).

O conceito de mulher no final do século XIX e início do XX, era caracterizado por padrões determinados pelo patriarcalismo, onde seu papel era reservado ao feminino, o lar, submissão, casamento e o papel da maternidade. O feminismo veio com o papel de promover a conscientização das mulheres, e é a partir desses princípios que iniciaremos nossa pesquisa.

Dessa forma, nossa pesquisa desenvolve-se a partir da obra *A falência* de Júlia Lopes de Almeida, a fim de responder questões que envolvem a literatura e o feminismo, como: De que forma a mulher é representada no romance da escritora Júlia Lopes? Aborda temáticas representativas do movimento feminista? Como se tornar protagonista em um terreno monopolizado pelos homens? E, o enredo proposto por Júlia Lopes trouxe novas perspectivas quanto à condição da mulher dentro da literatura.

As questões levantadas fazem com que identificassem algumas hipóteses como: A visão realista e o anti-romantismo dentro da obra mostram como as pessoas viviam no século XIX, cercadas de questões históricas, a exemplo do encilhamento, bem como a mulher como item doméstico e o adultério. Nesses aspectos, podemos colocar em pauta o mérito da educação geral dentro de uma sociedade, dando enfoque ainda na participação direta da mulher em questões que vão além de

ocupações domésticas, trabalhando ainda comparações de situações dentro do universo feminino até a atualidade.

Assim, a pesquisa se justifica em como a condição da mulher dentro da literatura ainda sofre por danos passados. A identidade feminina introduzida nos livros direcionados à educação básica no Brasil ainda está propícia a um padrão articulado com a identidade esposa/mãe. Júlia Lopes caracterizou-se como uma mulher além de seu tempo, com suas ideias e atitudes que fugiam da norma estabelecida. Em específico a obra de nossa pesquisa, *A falência* traz exatamente essa ideia de que um lar só de mulheres, não precisava da tutela masculina para sobreviver, que são capazes de gerar seu sustento. É seguindo esse princípio que o movimento feminista vem lutando para que nós, mulheres, autoras, possamos ocupar espaço merecidamente. A pesquisa em questão pretende direcionar o leitor a uma relação do que a mulher conseguiu conquistar dentro desse mercado cercado por ideologias, e discutir as noções de empoderamento e as consequências do esconso durante tanto tempo.

2. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA: UMA MULHER DE TALENTO INEGÁVEL.

Considerada a mais importante mulher-escritora de sua época, Júlia Valentim da Silveira Lopes de Almeida, nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862, passou quase toda a sua infância no Rio de Janeiro. Aos sete anos, sua família fixou moradia em Campinas, e lá a escritora permanece até os seus 23 anos de idade. O gosto pelas letras a fez publicar seu primeiro romance, *A Família Medeiros* (1891), em folhetim no jornal carioca *Gazeta de Notícias*.

Júlia Lopes de Almeida, concedeu uma entrevista a *João do Rio* para a revista *O Momento Literário*, onde deixa evidente questões comuns da época, segundo o qual as mulheres não tinham permissão para aventurar-se pela carreira literária:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imaginava com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura do papel uma porção de rimas(...). De repente, um susto. Alguém batia à porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: já vai! Já vai! (RIO, 1994, p.28).

Em tal ocasião, por oportuno da vida, Júlia teria sido delatada por sua irmã a seu pai. E como nítido em suas falas a João do Rio, estaria a mesma a realizar atividades impróprias às mulheres, no entanto, sua família era um tanto quanto peculiar (adiante conhecida como *Um lar de artistas*), [...] "A reação do pai de Júlia ao saber que a filha fazia versos, não foi uma tragédia, conforme esperado" (MOREIRA, 2003, p. 77), sendo seu pai um dos seus maiores apoiadores.

Em 1885, ao passar uma temporada na residência da irmã Adelina no Rio de Janeiro, Júlia é apresentada ao poeta e jornalista português Filinto de Almeida (1857-1945), radicado no Rio, onde colabora com Valentim Magalhães na edição da renomada revista literária "A Semana". Desse relacionamento vem o casamento que resistirá a quase cinquenta anos, em que a maior característica do casal é o companheirismo e admiração mútua. (DE LUCA, 1997)

A produção literária de Júlia, com uma linguagem leve e simples, encontrou um público cativo e foi vasta: mais de 40 volumes divididos entre romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. No que concerne aos temas trabalhados pela autora, podem-se destacar o campo e a cidade, o cotidiano e os costumes, mas um deles é bem mais significativo no contexto (tanto da época

quanto no fato de se tratar de uma mulher escrevendo na época sobre isso) como: o casamento por conveniência, o adultério, a viuvez que por consequência mostrava a necessidade da mulher então gerar proventos para família, e tantos outros.

As ideias à frente de seu tempo, que também incluíam temas como casamento em geral, a educação e os direitos civis para mulheres, fizeram com que ela fosse associada ao estilo realista e naturalista de escrita. Com personagens femininas marcantes, como Camila, Itelvina, Nina e Joana, entre tantas outras, conseguiu mostrar, com objetividade e do ponto de vista da mulher, críticas à sociedade sexista e desigual.

Raras foram escritas que tiveram tanta importância no painel literário brasileiro oitocentista quanto Júlia Lopes de Almeida, que chegou ao final do século XIX considerada a mais respeitável mulher escritora no Brasil, apontada como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis, que foi por um tempo seu contemporâneo. (TAMBA, 2015, p.26)

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas com dois autores de obras consideráveis e de nomeada nacional - D. Júlia Lopes de Almeida e o Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe (sic) prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÍSSIMO, 1936, p. 15)

A opinião de Veríssimo pouco lhe foi de ajuda, uma vez que o sistema patriarcal vivenciado na época estava enraizado, fazendo com que fosse completamente ignorada por muito tempo como atestam seus respectivos estudos crítico-literários sobre a literatura brasileira na época, Júlia Lopes desenvolvia uma literatura em que o protagonismo era o feminino, porém sem confrontar radicalmente com os padrões vigentes.

Para Moreira (2003, p.76), “ela fez parte de um momento de renovação da crítica literária no mundo acadêmico, à revelia das correntes conservadoras e tradicionais que insistiam em desconhecê-la”. A escritora integrou o grupo que idealizou e criou a *Academia Brasileira de Letras*, mas acabou sem uma cadeira na instituição entre os 40 primeiros “imortais”, justamente por ser mulher. Com a decisão de ter apenas homens, o marido da autora, Filinto de Almeida, ocupou o lugar que seria dela.

Júlia Lopes faleceu em 30 de maio de 1934, pouco antes de completar setenta e dois anos, vítima de malária que contraiu ao fazer uma visita para sua filha caçula

Lúcia na África. Seu último romance foi *Pássaro Tonto* (1934). Filinto sobrevive-lhe ainda por vários anos, publicando em 1938 o volume de versos *Dona Júlia*, comovente preito de saudade àquela que fora sua amorosa companheira por quase meio século. (DE LUCA, 1999).

2.1 A condição da mulher em *A falência*.

Dentre as várias funções sociais da literatura, uma delas diz respeito à divulgação de ideias, à programação de uma ideologia, à disseminação de um modo de ler e perceber o mundo, a sociedade e os valores dominantes. Sob esta visão, é possível afirmar, que Júlia Lopes de Almeida, na medida em que se fazia apreciar e respeitar pela intelectualidade de seu tempo, estendia-se às brasileiras um novo espaço, antes vedado a elas, assim realizando a bravura de tornar-se uma verdadeira profissional das letras, em um terreno monopolizado pelos homens.

A condição da mulher era a de mãe e esposa, além do ornamento do lar. Mas, também, já se ouve o sussurro camuflado de mães que aconselham: “ Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro! ” (ALMEIDA, 1896, p. 13).

A narrativa de Júlia Lopes de Almeida simbolizava a exuberância, a profundidade com que se conduzia as tramas. Para Moreira (2003), “[...] o material trabalhado nas coisas simples do cotidiano, na rotina de uma mãe, na apreensão de uma jovem diante de uma situação inusitada para o universo feminino da época”. Se presentemente o assunto direito para mulheres ainda causa alvoroço em determinado momento, o tema era praticamente “proibido” no final do século XIX, época em que viveu a brasileira, que ainda assim, conseguiu ser pioneira na luta das mulheres por direitos iguais.

A narrativa da obra (*A falência*), aborda diversas questões socioeconômicas do Brasil do final do século XIX, com destaque para a vinda de portugueses para o país e, o declínio do café, já que, a economia baseada nas grandes fazendas começava a dar lugar ao crescimento da industrialização. Outro fator presente é o Encilhamento, com a grande desvalorização da moeda e o aumento da inflação, neste período, o governo tomou a liberdade de produzir em grande escala do papel-moeda agravando a economia do país. A emissão do excesso de dinheiro trouxe uma grande quebra de empresas, empresas fantasmas, resultando em práticas de especulação financeira

desenfreada e desconfiança por parte de investidores em relação ao mercado. E para tentar mudar essa situação, o então Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, incorporou uma política que disparava encorajar a industrialização e o desenvolvimento brasileiro, porém acabou desencadeando uma das piores crises econômicas já vividas no Brasil.

Já o título da obra, pode ser interpretado de múltiplas formas, pois, diretamente, se refere à falência do comerciante Francisco Teodoro, mas indiretamente, representa também a falência do sistema econômico baseado no café, e o modelo de família centrado unicamente na figura masculina. E a ideia de a mulher conquistar um espaço dentro da sociedade que não fosse o seu lar e família era algo definido como absurdo.

[...] A possibilidade de uma mulher conciliar a administração do lar com um trabalho literário, do mesmo nível qualitativo da produção masculina, vinha demonstrar a inconsistência dos mitos machistas que vedaram o acesso às profissões liberais a todo o gênero feminino; o ineditismo de se dispor da presença de uma escritora que não se limite à composição de versinho - mas que participa ativamente da vida de nação, emitindo opiniões próprias - tornando-a modelo a ser seguido por toda uma legião de mulheres talentosas que afloram pelo Brasil. (DE LUCA, 1999, p. 285).

É nesse contexto que entendemos a missão construída por Júlia Lopes de Almeida. O universo feminino e as formas com que as mulheres construíram uma interação entre si para o desenvolvimento de papéis que eram atribuídos ao seu gênero.

Em *A Falência*, Júlia Lopes de Almeida retrata o momento histórico do Brasil na virada dos oitocentos para o século XX. Francisco Teodoro um infeliz emigrante português que saiu da condição de caixeiro para o dono de um dos maiores postos de comercialização de café no Brasil.

Talvez, e para se sacrificar reviu a sua vida no Rio, desde simples caixeiro quase analfabeto, com a cabeça raspada, a jaqueta russa e os sapatos barulhentos. Tinha ainda fresco na memória o dia do desembarque - estava um calor! - e de como depois rolará aos pontapés, malvestido, mal alimentado, com saudade da broa negra, das sovas da mãe e das caçadas aos grilos pelas charnecas do seu lugar. (ALMEIDA, 2019, p. 11)

Mesmo conquistado com grande sacrifício a sua riqueza, posição social, o pobre Francisco Teodoro, [...]. Achou, ainda assim, que à sua casa alegre faltava

qualquer coisa... (ALMEIDA, 2019, p. 18). E assim decidiu-se casar, a escolhida foi uma moça pobre, mas de educação, a filha mais velha, bonita e grave. Aos olhos de Francisco, Camila seu nome, “Era bonita, alta, com grandes olhos aveludados, cabelo ondedado preto e uns dentes perfeitos, muito brancos, mas que ela mostrava pouco, sorrindo apenas”. (p.19). Sendo a mulher ideal.

Ao mesmo tempo em que a conhecia, surgia em algumas conversas com D. Emília mãe de Camila, uma nítida intenção da senhora em sugerir a filha como se fosse uma mercadoria. “E a mãe começou a falar com ar de sinceridade, muito demonstrativa. A cada instante o nome de Camila saía-lhe da boca com um elogio”. (ALMEIDA, 2019, p. 19). A ideia da filha como negócio era a forma de se identificar como um casamento vantajoso.

O rico comerciante passou a viver num palacete do Botafogo, na presença da esposa Camila, dos quatro filhos (Mário, Ruth e as gêmeas Raquel e Lia); a sobrinha bastarda de Camila (Nina); e uma agregada (Noca). O cotidiano da família é regido pela ostentação. Francisco só não contava que os altos e perigosos investimentos iria lhe fazer perder assim toda sua fortuna. A diminuição de seu prestígio dentro da sociedade já causou uma sensação de impotência, a falência irá tirar o provedor da família, guiada através do dinheiro, e o que lhe resta é suicidar-se. Quanto a família, a única alternativa depois da morte de Francisco, é exilar-se numa casa modesta, aqui todas deverão iniciar uma nova fase da vida, de abnegação e sacrifícios.

Nina, a sobrinha bastarda de Camila, filha de seu irmão Joca, era fruto de uma relação venal. Vivia para servir a família Teodoro, realizava os deveres domésticos, cuidava das crianças, por ser considerada uma filha não legítima para sociedade, permaneceu solteira, e aos vinte e cinco anos, apaixonada pelo primo Mário, e a sua presença invisível dentro da casa, ela não tinha outra alternativa a não ser continuar ali, mesmo com momentos bons e ruins, a haviam lhe acolhido ao ser abandonada pelo pai.

E por ironia do destino, quem salva de imediato a família da miséria completa é Nina, aquela que segundo a tia Joana “ a menina cheirava a pecado e era uma blasfêmia viva aos preconceitos da moral religiosa” (ALMEIDA, 2019, p.93), era ela entre todas a pessoa mais indignada pela adoção de Nina. Ainda assim, usava de todas suas habilidades domésticas para tentar manter o sustento digno para toda a família.

É ela quem, após a morte de Francisco Teodoro, toma partido da situação, assumindo o papel de referência na família, e provando ainda a capacidade que a mulher possui ao encontrar situações adversas.

Nina despediu os criados, montou a casa nova com mobílias baratas, leitos de ferro, louças brancas, sem douraduras. Pensava em tudo, traçava planos, sacudia o torpor e a apatia dos que a rodeavam, indagava preços e discutia o valor dos objetos que adquiria. (ALMEIDA, 2019, p. 188).

Porém, Nina, não se encontrava sozinha em tentar influenciar todos com seu trabalho. Ela contava com a ajuda de Noca, a ama e empregada, que foi para casa da família após a libertação da escravatura. São elas que conseguem libertar a todas da vida que tinham baseada no dinheiro, luxo, eram a grande fonte de otimismo da nova vida que lhes era apresentada.

Noca cuidava da higienização das crianças, sempre estava perto delas contando histórias. Acabou-se por adquirir uma grande afeição por Mário, sua então devoção, “Como ele é bonito! ”, pensava ela: “as mulheres têm razão de o preferir a todos!... Ele é a flor da família...em questão de boniteza, garanto que não há pessoa que se iguale a Mário...” (ALMEIDA, 2019, p. 61). É por causa de tal sentimento que Noca e Nina decidem amparar Camila após a falência, movidas pela afeição que nutriam por aquelas crianças.

Júlia Lopes de Almeida escolheu reproduzir em seu romance a sociedade de sua época e o fez com astúcia, procurou desenvolver sem maquiagem situações recorrentes. Como o assédio moral que Francisco Teodoro aplica às mulheres com seus comentários como que a mulher deveria permanecer em seu lar e que longe dele não serviria de nada. Numa visita ao barco de Rino, a irmã do comandante, Catarina, que era uma mulher decidida, resolveu não se casar e buscar a independência financeira, considerada por Francisco Teodoro portadora de ideias muito progressistas para uma mulher de sua época, ela decide se preservar solteira, muito pelo fato que o casamento de seus pais ter sido um grande fracasso.

Foi quando durante a conversa no Netuno, Catarina percebeu que Francisco era contra a emancipação e os direitos femininos. Ao questioná-lo Francisco Teodoro afirma:

Minha senhora, eu sou da opinião de que a mulher nasceu para ser mãe de família. Crie seus filhos, seja fiel ao seu marido, dirija bem a sua casa, e terá cumprido a sua missão. Este foi sempre o meu *juízo*, e não me dei mal com ele, não quis casar com uma mulher sabichona. E nas medíocres que se encontram as esposas. (ALMEIDA, 2019, p.71)

Opinião essa dita na frente de todos presentes, incluindo da sua esposa Camila e filha Ruth. Um detalhe que não se pode deixar passar é a educação dos filhos, inclusive de Ruth que até aulas de música eram-lhe permitidas a fazer. A formação educacional das mulheres na época era algo disponível para a alta sociedade, no entanto não significava que as mesmas tinham livre acesso a ela.

Aos doze anos conservava o seu ar estúpido e humilde; não conhecia uma letra; mas ensinava as criadas novas a varrerem a casa e a porem a mesa com perfeição. Como o Mário lhe batesse um dia com os arreios do seu cavalo de pau, Francisco Teodoro resolveu pô-la em um colégio, de pensionista, recomendando uma instrução prática, nada ornamental. Bem orientado andou. O colégio fora o seu melhor tempo. (ALMEIDA, 2019, p. 94).

Considerando a época em que a autora construiu sua produção literária, a educação das moças voltava-se para os afazeres domésticos. Quanto à escolarização, por muito tempo a mulher se viu obrigada a viver como espectadora da instrução fornecida aos rapazes. No currículo dirigido aos meninos, contava com ensino de gramática de várias línguas, história, geografia e ciência.

Júlia chama atenção para a importância dos estudos na vida da mulher, principalmente em uma época em que, estando destinadas ao papel de esposa e mãe, as moças tinham acesso apenas ao ensino elementar.

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite decerto responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar [...] E nós, a quem tudo isso não foi nitidamente ensinado, ficamos envergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas [Sic] (ALMEIDA, 1896, p.205).

Júlia Lopes de Almeida escreve tanto para jornalismo quanto para produção literária. Em suas escritas fazia campanhas em defesa da educação feminina, divórcio entre outros assuntos. Moreira (2003, p. 86) “imbuída de uma missão pedagógica,

queria melhorar as condições de ensino particularmente àquelas destinadas às mulheres, por isso conclamava a sociedade brasileira para uma mudança radical no modo de vida da população e no papel da mulher”.

A obra salienta ainda casos de violência doméstica, que atinge mulheres humildes como até mesmo as madames da grande burguesia. Como a mãe do Capitão Rino, sua mãe foi assassinada por praticar adultério, e Sancha que sofria agressões todos os dias de seu marido, seguidas juntamente com a bebedeira do mesmo.

O assassinato da mãe do Capitão Rino, na verdade nos apresenta como eram a forma do homem “lavar a sua honra”, matando então a mulher adúltera. Assim, a autora apresenta a desarmonia familiar que acontecia. Nota-se então, que ambos, Catarina e Rino, acabam por decidir não obter o casamento, dê certo em algum momento admitem a possibilidade de casar-se, porém não seria por vontade própria, mas pela sociedade que lhes impõem tal ofício.

Camila, moça muito pobre, aceita o casamento com Francisco Teodoro como forma de escapar da miséria, mas só se apaixona realmente mais tarde (se isso for possível) já com quatro filhos. O conhecimento de Dr. Gervásio ocorre por força de uma urgência médica, a doença da filha Ruth, a quem ele atende e salva da morte por tifo. A partir daí o negociante, extremamente grato, introduz o médico na casa da família, que ele passa a frequentar de início aos poucos, e depois cotidianamente. Mas a viuvez naquelas circunstâncias trágicas leva-a a repelir a condição de amante e a planejar uma união legal com o médico. Este, porém, revela já estar casado, não se dispondo a consorciar-se com Camila.

O médico, um homem diferente, culto, reservado, calado, vive para arte e sem muita preocupação da carreira profissional, buscou em Camila fazer uma de suas obras, quando a conheceu, ela era uma mulher sem refinamento, natural. Assim, vai transformando-a, não só ela, mas toda sua família e seus hábitos. O romance traça uma escrita ácida a respeito do despotismo masculino. A opressão de Camila se dá tanto pelo marido, Francisco Teodoro, que disse não se casar com uma mulher sabichona. É nas medíocres que se encontram as esposas, orgulha-se ele, como pelo amante, Gervásio, sujeito arrogante e superficial, que faz dela obra sua, transformando-a “ao influxo dos seus gostos, da sua convivência e do seu espírito”.

Júlia Lopes de Almeida, apesar de sua maneira de ver a vida de casada e seu senso de moral burguês, olha para Camila com compreensão. A personagem trai o

marido, mas é igualmente traída não só pelo marido, como pelo amante, ao final, sofre profundamente com o suicídio de Francisco Teodoro, e quando percebe que foi traída ao saber que seu amante já era casado e nunca lhe contará. E se fosse possível ser ainda mais grave, Dr. Gervásio teria se separado da esposa por ela lhe ter sido infiel.

O romance expõe uma análise de questões que estão ligadas à temática do adultério, como o casamento vantajoso ou por conveniência, o convívio familiar insatisfatório, a carência afetiva dentro da casa. As mulheres do século XIX deveriam permanecer grande parte do seu tempo em seu lar, ocupadas assim com os afazeres domésticos, de modo que não teriam contato com outros lugares e assim se conservam longe de olhares masculinos, sem cobiça.

No entanto, o contato com o espaço público surge com a ascensão da família burguesa. Uma dessas formas de socialização se dava por festas, reuniões que realizavam em seus palacetes. Porém, essas reuniões serviam para que a mulher pudesse mostrar a seus convidados que era uma boa anfitriã, indicar seus dotes culinários e o capricho pela casa e família.

Camila que ocupa o cargo de esposa e mãe procura então, através da infidelidade, a busca pelo amor que não conquistou em seu casamento. Apesar de tudo era alvo de comentários como o da tia D. Itelvina [...] Mila deve adorar o marido de joelhos! Neste tempo já não é fácil uma moça pobre e sem proteção encontrar um casamento assim! (ALMEIDA, 2019, p. 29), Júlia Lopes de Almeida apresenta a geração de mulheres como Camila, que ao se casar, perdem o direito e conquistar qualquer tipo de privacidade, liberdade, saem apenas do abrigo de seu pai para o de seu marido. E mesmo representando um modelo de mulher elegante e vaidosa, Camila era alvo de recriminação de suas tias por não seguir minuciosamente a igreja. Francisco Teodoro, sim, esse era bom católico; gostava de o ver na Candelária, com a sua opa de irmão. Um santo homem - [...] Camila só vai à igreja para se mostrar. Basta ver como ela se enfeita. Eu queria-a mais simples... (ALMEIDA, 2019, p.52)

Suas vontades, desejos e necessidades eram mimadas pela subserviência que deveria ser prestada a um único homem, consagrando assim, conhecido destino de mulher. A *falência*, escrita no novo regime republicano, inspira-se nas ideias da primeira onda feminista para apresentar uma nova perspectiva, a da mulher, sobre a ordem social. O movimento feminista surge na Europa no século XVIII, fruto de uma onda de questionamentos e inquietações femininas provocadas pelo fim do isolamento doméstico causado pela Revolução Industrial e pelos ideais de igualdade

vindos da Revolução Francesa. Esse momento inicial do movimento feminista é conhecido como a “Primeira Onda” e chegou ao Brasil no século XIX. As feministas dessa onda utilizaram as letras como estratégia de militância na luta pela emancipação feminina e pela conquista de direitos. Ao adentrar gradualmente no universo jornalístico tradicionalmente masculino, as mulheres ganharam visibilidade, força e espaço para suas lutas de gênero.

Uma obra sutil e sofisticada, mostra como o patriarcado continua a se reproduzir ao nível familiar, atestando claramente os limites das mudanças sociais e culturais ocorridas durante os anos entre o romance, mas ao mesmo tempo, prenunciando a contestação que iria surgir mais tarde durante o século XX.

Howes (2019, p. 168), contribui para utilização do tema adultério feminino escrito por Júlia Lopes de Almeida:

[...] A Falência, mostra como o gênero é construído pela interação dos personagens masculinos e femininos entre eles e com as normas da sociedade em geral. Também representam a mudança social utilizando o tema do adultério feminino. O adultério, como os autores e os personagens sabem, rompe os limites entre o público e o privado. Um conflito na esfera privada tem repercussões na esfera pública. Entre as datas de publicação dos dois romances, o Brasil passou por uma crise política, econômica e social, com a Abolição da Escravidão e a inauguração turbulenta da República. Passou também por uma crise cultural, com o apogeu e queda do romance naturalista, baseado na exploração das formas mais extremas da sexualidade.

Júlia Lopes de Almeida aproveita ainda para, por meio de Camila, fazer uma irônica reflexão a respeito da misoginia presente nos romances disponíveis a época, sempre escritos por homens:

Os senhores romancistas não perdoam as mulheres; fazemos responsáveis por tudo - como se não pagássemos caro a felicidade que fruímos! Nesses livros tenho sempre medo do fim; revoltou-se contra os castigos que eles infligem as nossas culpas, e desespero-me por não gritar-lhes: hipócritas! Hipócritas!.

José Veríssimo, contemporâneo da autora, afirma que, com a falência, Júlia Lopes de Almeida “toma decididamente lugar, e não somemos, entre os nossos romancistas” (1998, p.76). Crítico exigente, Veríssimo afirma que um dos melhores

elogios a esse livro é de que se trata de um escritor já na posse de todos os seus meios.

Considerada por muitos de mente dominante, com ideias feministas e defensora de evolução, o legado de suas obras vão desde crônicas nos periódicos cariocas e de outros estudos, até conferências sobre temas nacionais e sobre a mulher brasileira, no Brasil e no exterior, tomando-se objeto de pesquisa associado aos comentários dos jornais de época, além de sua fortuna crítica.

Depois da desilusão, Camila corrige a própria vida, conforme a sua nova realidade. Junto com as mulheres, Nina, Noca e Ruth, desenvolvem tarefas para o sustento de seu lar, Camila resolve que as gêmeas deveriam retornar a casa, as meninas estavam na casa do filho mais velho Mário, como uma forma de ajudá-las. Planeja então alfabetizá-las e educá-las a própria Camila. Finda-se, assim, o ciclo das personagens femininas que não dependem de nenhum homem e terão de agora adiante de encontrar o sustento pelas próprias mãos. Restam as mulheres forçadas a sobreviver sem estarem preparadas para tanto, um tema dileto de Júlia Lopes de Almeida, que acreditava que só o trabalho e a educação poderiam fazer surgir o verdadeiro talento e a capacidade para a luta na vida cotidiana.

2.2 Júlia Lopes e o feminismo: sobre o olhar da crítica.

Júlia Lopes de Almeida fez um trabalho valioso, tomando partido em posições de grande relevância para as mulheres, como a educação, o trabalho remunerado e o mercado editorial feminino. Para Leonora de Luca (1999):

Já em seus primeiros escritos, Júlia Lopes revela preocupação com a condição feminina, opondo à frivolidade e a apatia das mulheres de classes abastadas (frequentadoras dos salões) à sobriedade e à atividade da mulher humilde, que trabalha para prover sua subsistência. Perpassando a questão das diferenças de status, denuncia-se a desalentadora situação da educação feminina no Brasil: às meninas, ao contrário do que ocorria com os seus pares masculinos, só se ministravam lições rudimentares – com ênfase no desestimulante aprendizado dos afazeres domésticos (p. 290).

É na trajetória educacional que Júlia Lopes enfatiza sua preocupação. Apesar de não ter atuado como professora, contribuiu para o sistema na criação de livros infantis que por sinal foram largamente utilizados. Tendo também grande aparição em

revistas, jornais femininos, na imprensa, e sem dúvidas é considerada um dos grandes nomes das letras no século XXI.

Em muitos de seus escritos Júlia considerou que a mulher só se emanciparia pelo estudo e o trabalho, tanto que seus romances, as mulheres se realizam por construir algo de seu e muitas vezes sozinha ou em grupo de mulheres, ficando os homens, sempre em segundo plano. Como em “A falência”, romance em que o chefe da família se mata ao perder tudo (ELEUTÉRIO, 2005, p. 83).

O século XVIII foi marcado pelas famílias que mantiveram o âmbito escolar e o letramento direcionados aos meninos, foi então na virada para o século XIX que as escolas, jornais, revistas, entre outros, passaram a representar leituras direcionadas ao público feminino, momento marcante da representação da mulher letrada. Apesar das aparições em suas escritas, as mulheres deveriam seguir um padrão de exigência da parte conservadora, dando-as liberdade em tais tarefas para que pudesse desempenhar melhor a função de mãe e esposa.

Júlia Lopes de Almeida foi apontada pela crítica feminista já no século XIX como uma mulher inovadora, de uma leveza e uma força do bem. Construída por uma imagem de mulher, mãe, dentro de opiniões feitas sobre a natureza feminina. Até mesmo diante dos homens, Júlia possuía respeito, já que, sempre apresentou uma imagem de mulher que conciliava os diversos papéis sociais como o da maternidade e deveres da sua casa. Júlia representa a nova mulher incorporando novas atividades em deixar o lado doméstico (ELEUTÉRIO, 2005, p. 85).

Júlia passou então a ser considerada o símbolo da mulher realizada no mundo das letras, como referência e reverência daquelas mulheres que então pretendiam dedicar-se à escrita e à literatura. Júlia Lopes de Almeida passou a integrar algumas instituições direcionadas ao movimento pelos direitos das mulheres. Como a Legião da Mulher Brasileira, Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, foi Co-fundadora do jornal feminino, “Nosso Jornal”, entre outras associações. Já em sua época foi bastante louvada, porém, não foi o suficiente para que sua memória fosse levada junto com a história da nossa literatura.

Na revista “A mensageira”, percebemos a mudança em relação a mulher nos escritos de Júlia, principalmente aos direitos das mulheres onde a mesma destaca que;

Não é sem algum espanto que eu escrevo este artigo, para um jornal, novo, e, de mulheres! (...)

A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que aqui tem feito. Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de ação prejudicial à mulher na família, principalmente dela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem-feita.

Os povos mais fortes, mais práticos, mais ativos, e mais felizes são aqueles onde a mulher não figura como mero objeto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitudes da vida com uma profissão que as ampare num dia de luta, e uma boa dose de noções e conhecimentos sólidos que lhe aperfeiçoem as qualidades morais.

Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora dos seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo e do trabalho, de que tanto carecemos (ALMEIDA, 1896, p. 3).

É fundamental que ao analisarmos os eventos, devemos identificar que são ideias de uma pessoa vivida no século XIX. Podem se parecer antiquadas para os dias de hoje, mas para época eram realmente revolucionárias, Júlia tinha como características chamar a atenção para a mulher como indivíduo, capaz de realizar tarefas difíceis aos quais estaria preparada quando necessário, e ao mesmo tendo capacidade de seguir com o seu melhor papel, o de mãe. “Júlia Lopes de Almeida não propõe à mulher que negue o papel que a sociedade espera que desempenhe, de “esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo”, mas prevê a melhoria do desempenho deste papel” (MENDONÇA, 2003, p.282).

Ao ser questionada por João do Rio para “O momento literário”, sobre qual era sua opinião quanto ao movimento feminista, Júlia esclarece que, “Há algumas senhoras que pensam nisso. No Brasil, o movimento não é, contudo, grande. Acabo de receber um convite de Júlia Cortines para colaborar em uma revista dedicada às mulheres. Descanse! Há uma seção de modas, é uma revista de gênero da Femina...” (RIO, 1994, p. 33). Como mulher, D. Júlia estava comprometida com a estrutura social a que pertencia, conseqüentemente, com o desenvolvimento do papel da mulher enquanto centro espiritual do lar. [...], porém, como escritora, ela promove a metamorfose espiritual das mulheres porque é na escrita que suas personagens começam a pensar (MOREIRA, 2004, p. 84).

É interessante notar que embora o discurso da mulher Julia, quando entrevistada, deixe nas entrelinhas que não é feminista, suas personagens são questionadoras, colocam em xeque o destino reservado à mulher- o domínio da casa - e reproduzem o discurso de jornais libertários que apontavam a instrução como uma “arma privilegiada de libertação” para a mulher, assim como também existiam escolas libertárias que se preocupavam com a instrução das meninas. Destaca-se, também, a ideia inovadora para a época: um lar só de mulheres, que não precisam da tutela masculina para sobreviver, que são capazes de gerar seu sustento.

Se observarmos que naquele tempo as mulheres “de família” sequer andavam sozinhas pela rua, será fácil dimensionar a ousadia desta ideia. A própria Júlia Lopes de Almeida, quando desejava pesquisar junto aos pescadores as ideias para um de seus livros, saía acompanhada do filho, pois não era de bom tom andar sozinha. (MENDONÇA, 2003, p. 284)

Para a sociedade burguesa do século XIX, a mãe era o grande motivo da valorização, e Júlia reivindicava a instrução para a mulher com intuito de melhor orientação aos filhos, conquistando então um aperfeiçoamento dessa missão que é educar. “Aproveite a existência, na época, de grupos de homens que, influenciados pelas ideias positivas, justificaram o ensino para a mulher ligado à função materna, como uma forma de afastar as superstições e incorporar as novidades das ciências” (MENDONÇA, 2003, p. 281).

Para Lúcio de Mendonça em seu artigo intitulado de “As três Júlias” (1897), destaca a qualidade e qualificações literárias aos escritos de Júlia Lopes, “a esposa do meu querido amigo Filinto de Almeida é, em todo o nobre alcance da expressão, uma mãe de família (...), esclarece ainda que: “a demonstrá-lo sem sombra de dúvida o seu último livro - o Livro das noivas, que só uma boa mãe de família era capaz de ter escrito”. Como já mencionado, algumas mulheres deixaram de se declarar em prol do movimento feminista em decorrência da negação dentro da sociedade conservadora, mas embora não tenha se declarado militante feminista de fato, Júlia manteve em suas escritas a contribuição para o desenvolvimento de consciência quanto a inferioridade, a pobreza e a submissão da condição feminina.

Júlia Lopes de Almeida deu vida às suas personagens em posições as quais buscava discutir, e rever a situação da mulher de modo geral, onde principalmente a mulher abandonava seus ideais de felicidade em virtude de concentrar-se apenas no homem e nas consequências que o casamento lhe atribuía.

3. A LITERATURA NO BRASIL E O MOVIMENTO FEMINISTA

Historicamente a literatura no Brasil teve início em 1500 com a chegada dos portugueses no país. A produção literária ocorreu com a percepção de que os povos que aqui viviam não possuíam uma representação escrita equivalente à deles, ou apenas não tinham arquivos registrados. O primeiro registro produzido então no Brasil, foi a “*Carta*”, de Pero Vaz de Caminha, que conseguiu reproduzir na escrita detalhes excepcionais sobre a terra em que estava.

O Brasil teve uma adequação literária vagarosa em relação aos países europeus, por exemplo, isso se deve pela situação histórica da colônia, para Bosi (2006) “Até os princípios do século XVIII, as manifestações culturais da colônia não apresentavam qualquer nexos entre si, pois a vida dos poucos centros urbanos ainda não propiciaria condições para socializar o fenômeno literário” (p.49). A nossa produção se alastrou por todo o território a partir do século XIX, com o então fim da censura à imprensa no Segundo Império. O momento de grande importância para a produção brasileira, foi a “Semana de Arte Moderna”, onde os brasileiros conseguiram trazer uma vanguarda com o feitiço brasileiro, mesmo com características de movimentos artísticos europeus. Desde então, o movimento teve um crescimento na produção literária que se expande até os dias atuais, representando os mais diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira.

Outrora, a literatura tinha um discurso onde era predominante o ponto de vista do cânone masculino. Discursos estes, que acabavam por reforçar os ideais patriarcais acerca da inferioridade e submissão da mulher, a qual não era permitido o papel de escrever. As conquistas do movimento feminista em vários âmbitos da sociedade, foi possível então verificar a alteração neste painel histórico. A mulher então deixa de ser apenas representada pelo discurso masculino e passa a representar ela mesma, com seus próprios personagens e ideologias.

O movimento feminista cruzou várias décadas no qual converteu as relações entre homens e mulheres, tornando-o quase inexplicável o porquê de sua desconsideração por uma grande parte da sociedade. Duarte (2003) constata que, a reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher “mal-amada”, “machona”, “feia” e a gota d’água, o oposto de “feminina”.

Duarte (2003), contribui ainda, que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. “Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta - contra os preconceitos mais primários e arraigados - e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas” (p.152).

Com o passar das décadas, o movimento teve como características as “Ondas”, onde tiveram uma maior visibilidade chegando mais próximo possível de realizar suas lutas. Na “primeira onda”, as mulheres ainda viviam no século XIX, dentro de um sistema patriarcal e cheio de preconceitos. Surgia então a luta pelo direito de aprender a ler e escrever, que até então era totalmente direcionado ao sexo masculino, “a primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas data de 1827, e até então a opção era de conventos, que guardava as meninas para o casamento” (DUARTE, 2003, p. 53).

No Brasil, diversas foram as vozes femininas que romperam o silêncio e publicaram textos de alto valor literário, denunciadores da opressão da mulher, embora a crítica não os tenha reconhecido na época. O primeiro romance de autoria feminina de que se tem notícia, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, foi seguido de muitos outros, dados, agora, a conhecer pela crítica feminista (ZOLIN, 2009, p.185).

O feminismo no Brasil oitocentista, a partir dessa primeira onda, permitiu dar espaço para que as mulheres escrevessem. Outro nome de grande destaque foi a Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), conhecida por tratar de assuntos como direito das mulheres, como a educação e principalmente a introdução ao trabalho. Em 1832 publicou seu primeiro livro, *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, no Brasil, foi o primeiro a tratar do direito das mulheres à instrução e a entrada no mercado de trabalho.

Já na “segunda onda”, surge por volta de 1870, com a ampliação da educação e mercado de trabalho remunerado. Mas a sua maior característica foi o grande número de jornais e revistas com a total inclusão da mulher e nitidamente feministas. O primeiro a que se tem registro é, *O Sexo Feminino* (1873 -1875), dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz, o jornal teve um grande número de exemplares vestidos e entre seus leitores estavam o Imperador D. Pedro II e Princesa Isabel. Logo

depois da Proclamação da República, o jornal passou por mudanças como pelo nome, passando então a se chamar *O quinze de novembro do sexo feminino*, (1890-1896) passou então a ter uma maior liberdade ao defender o direito das mulheres ao trabalho fora do lar, a educação e nas escolas e denunciando a forma com que era oferecida às mulheres.

O jornal *Echo das damas* (1875-1885), dirigido por Amélia Carolina da Silva Couto, defendia o direito a educação e contribuía com a divulgação do movimento feminista pelo mundo. Os jornais *O Domingo* e *Jornal das Damas* (1873), ambos escreviam sobre receitas, a vida doméstica das mulheres, romance, poemas, procuravam também falar sobre o ensino superior e o trabalho remunerado. O jornal *A família* (1888-1897), dirigido por Josefina Álvares de Azevedo, seu maior destaque foi a luta pela emancipação feminina, questionar a tutela masculina e por testemunhar momentos importantes da história das brasileiras na luta por direitos.

Em São Paulo, a revista *A mensageira* (1897-1900), teve participação na luta das brasileiras. Foi dirigida por Presciliana Duarte de Almeida, a sua distribuição foi grandiosa, assim como as ideias que as escritoras defendiam, como destaque mais uma vez a educação superior da mulher e textos sobre o movimento feminista. O grande dia para a revista foi em 15 de outubro, ao publicar comentário com o título "*O feminismo*", onde destacava a novidade ao qual a mulher estava aberta a cursar o nível superior e ingressar no mercado de trabalho.

A "terceira onda", já se inicia o século XX rumo à cidadania, o movimento feminista passa a ter uma melhor organização para reivindicar o direito ao voto, ao curso superior, e ao mercado de trabalho voltado para diversos campos e não se limitar apenas em ser professoras.

Em destaque nessa fase temos Bertha Lutz (1894-1976), liderou por diversas vezes campanhas pelo direito ao voto feminino e pela igualdade entre homens e mulheres por todo o Brasil. Outra mulher foi a Maria Lacerda de Moura (1887-1945), que junto com Bertha Lutz criou a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, além de lutar pela libertação total da mulher. Outra memorável foi Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), seu primeiro livro foi bastante polêmico, *Virgindade inútil – novela de uma revoltada* (1922) e *Virgindade inútil e anti-higiênica – novela libelística contra a sensualidade egoísta dos homens* (1931), tratava da exploração sexual e trabalhista em que as mulheres sofriam,

provocando forte debate e muitas críticas, suas ideias a fez ser presa por algumas vezes.

Já o voto feminino, somente em 1932 quando o então presidente Getúlio Vargas cede aos protestos e incorpora ao novo Código Eleitoral o direito ao voto à mulher. O Brasil passou então a ser o quarto país a conceder o voto às mulheres, porém Vargas decide suspender a decisão, e só então em 1945 as mulheres puderam verdadeiramente exercer o direito conquistado.

Na literatura, algumas escritoras feministas tiveram um destaque maior, como Rosa Coelho Lisboa (1900-1975), que ao publicar o livro *Rito Pagão* (1921), conquistou o prêmio no concurso da Academia Brasileira de Letras. Além de ser aclamada pela imprensa, é chamada de intelectual feminina brasileira. Gilka Machado (1893-1980), em 1918 publicou seu livro de poemas eróticos, *Meu glorioso pecado*, seu maior envolvimento em escândalo, pois a obra foi apontada como um afronto à moral sexual, patriarcal e cristã. Mariana Coelho publicou "*A evolução do feminismo: subsídios para a sua história*", em 1933, que representa uma importantíssima e lúcida contribuição à história intelectual da mulher brasileira. Adalzir Bittencourt (1904-1976), que organizou e realizou a *Primeira Exposição do Livro Feminino em 1946*, alcançando uma grande repercussão ao qual a fez repeti-lo no ano seguinte. Foram então realizadas palestras sobre a história da mulher, músicas, divórcio, o papel da imprensa, e a literatura de autoria feminina, entre tantos outros.

E por fim, na "quarta onda", aqui o movimento alcança o ápice da luta. A década de 70 surgiu com a alternância dos costumes e tornando as reivindicações mais ousadas em algo publicamente aceitável sem repercussões negativas. E finalmente o dia "*8 de março*", se torna oficialmente o Dia Internacional da Mulher, que por iniciativa da ONU passa a ser comemorado em todo país, aqui só reforça a vitória que com tanto sacrifício e luta de um trabalho coletivo a mulher passa a ter um papel de grande importância na história.

Diferente de outros países, no Brasil as mulheres ainda tiveram que viver durante a ditadura militar, sob censura ocasionando em grande atraso do movimento. Mas ainda assim, com muitos empecilhos no caminho, debateu-se bastante sobre a sexualidade, o direito ao prazer e ao aborto, "*Nosso corpo nos pertence*". Nesta fase os jornais eram brutalmente atacados e envolvidos em polêmicas como a anistia, o aborto, a mortalidade materna, as mulheres na política, o trabalho feminino, a dupla jornada, a prostituição, preconceito racial, a mulher na literatura, no tetro e no cinema.

Já na política, as mulheres tiveram acesso aos espaços e cargos em partidos para então disputar eleições a partir da década de 80, com um ritmo bem lento, porém participando.

Com o passar das décadas, podemos perceber que o movimento sempre esteve presente na busca de realizações das pautas de sua luta. E a história, mais uma vez deixa claro que é inegável a profunda necessidade do reconhecimento das feministas para a inclusão e o desenvolvimento da mulher na sociedade em geral.

3.1 Literatura de autoria feminina.

O âmbito da escrita literária, assim como outras áreas, era destinado aos homens. Algumas mulheres usavam pseudônimos caso desejassem se inserir nesse meio. O conceito da época relativo a mulher era construída dentro dos moldes do patriarcado, marcado então pela delimitação de sua presença e ocupação, cujo a mesma deveria viver em submissão ao marido e aos papéis ligados ao casamento, e tantos outros fatores que já mencionamos na nossa pesquisa, explicando assim a ausência da representação da autoria feminina por um determinado período. Como define Lobo (1998, p. 5):

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.

A busca por inclusão e visibilidade pelas mulheres no campo literário, trouxe fatores extremamente transformadores, ao qual o movimento feminista. No entanto, não podemos negar que mesmo usando de pseudônimos e/ou ocupando lugar de destaque na literatura, a mulher esteve e sempre estará representada nas literaturas, seja como personagens e até mesmo protagonista em livros de autoria masculina.

Para Zolin (2009), a representação da mulher tinha um estereótipo ligados com a cultura da época e principalmente com o fator patriarcal. “Destacando ainda o perfil dessas personagens femininas como o de mulher sedutora, perigosa, e imoral, o da

mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam” (p. 229). Virgínia Woolf aponta que:

[...] se a mulher só existisse na ficção escrita por homens, poder-se-ia imaginá-la como uma pessoa de maior importância: muito versátil; heroica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, (...), ela trancada, surrada e atirada pelo quarto (1985, p. 56).

A história da mulher no Brasil, traz essa representação de ideias masculinas como um fardo dos estereótipos, findadas então a reclusa. As características aplicadas às personagens femininas são de total demonstração da submissão aplicada às mulheres. Para Del Priore (1994):

Vale dizer, finalmente, que o território do feminino na história não é lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos e onde o confronto e o conflito não imprimem suas marcas. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementaridades sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia (p. 13).

Ao destacar a necessidade de inclusão e visibilidade da mulher no campo literário, temos a necessidade de apresentar as transformações que o movimento feminista proporcionou. As mudanças que o movimento buscava em um contexto mundial, apresentou um aumento significativo de estudos relacionados à mulher dentro do contexto literário e, a partir da década de 60 a reivindicação em seu lugar de fato, tomou um curso significativo para a história da mulher dentro do universo da literatura. As mulheres então passaram a ter liberdade e autonomia para construir textos e, com os avanços da revolução pelo mundo, conseguiram acesso às universidades e ao trabalho, garantindo autonomia pessoal e financeira.

A literatura produzida nos anos 60, pelas feministas, tinha um caráter doutrinador e reivindicatório que obedecia ao objetivo do movimento: promover a conscientização das mulheres. Ela transpôs as barreiras linguísticas e geográficas, através de traduções que eram realizadas como parte da estratégia da ação política do movimento. Na imprensa, rádio, televisão, jornais, etc., havia uma produção literária significativa, de autoria feminina, procurando legitimar os estudos incipientes sobre crítica teórica feminista (MOREIRA, 2003. p. 34).

Por muito tempo a literatura de autoria feminina foi considerada ordinário, de baixa qualidade, devido a posição sócio cultural que a mulher ocupava na sociedade, sendo classificada como inferior, “segundo sexo” (Moreira, 2003). A crítica feminista mudou gradualmente seu foro das leituras revisionárias para uma investigação consistente da literatura feita por mulheres, consiste também em uma investigação no processo de estudo da mulher como escritora, seu estilo, gênero, a criatividade e a evolução no meio literário (HOLLANDA, 1994).

Podemos então caracterizar uma literatura de autoria feminina? É possível denominar que o texto é feminino? Para Spack (1975), a diferença da escrita feminina é chamada de “divergência delicada”, comprovadora da natureza sutil e elusiva da prática da escrita feminina.

A história literária pode ser contada por vários meios e construí-la como diálogo cruzado entre linhas e gêneros e poder é somente um meio. Mas é um meio válido e importante: a compreensão crítica e a própria literatura são empobrecidas e distorcidas quando reproduzidas a um monólogo ou uma conversa exclusivamente entre homens (HOLLANDA, 1994, p. 156).

Progredindo a partir deste ponto que, ao exprimir a respeito da escrita feminina, percebemos a falta de estudos quanto à escrita, a história das mulheres e os efeitos que os valores masculinos causam neste campo. Em suma, é o ponto em que a mulher ganha espaço, com o então fim de ideologias que a literatura possuía, promovendo uma escrita com apropriação de sua identidade.

No artigo nomeado de “Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória (1998)”, Elóida Xavier organiza cronologicamente a trajetória feminina na literatura brasileira da seguinte forma: Primeiro a fase feminina, no Brasil oitocentista, com o romance de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula* (1859), ao qual a mulher era caracterizada como frágil, indefesa, qualificada então pelo modelo patriarcal em vigor na época.

Segundo a fase feminista, em 1944, com a obra *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, a qual as mulheres passam a questionar a sua situação já evidenciada no movimento feminista. Aqui não só Clarice foi destaque, autoras como Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Lya Luft, e tantas outras se fizeram presente com seus variados trabalhos. Conquistando espaços elogiáveis na representação do feminino, o momento de reflexão da mulher, dona de casa, questionar o seu papel

dentro da sociedade e dentro do seu convívio familiar, a então percepção da condição mulher/homem.

E por fim, a terceira fase: fêmea ou mulher. A partir de 1990, surge então uma literatura voltada para autonomia feminina, sem a necessidade de buscar apontamentos sobre ideias passadas ao qual as mulheres deveriam seguir, assim, construindo representações de seu próprio ponto de vista e a sua sensibilidade.

A literatura de autoria feminina obteve uma mudança significativa no final do século XIX e início do século XX. Principalmente com os feitos das feministas, no início das décadas de 60, 70 pela Europa e Estados Unidos, a fim de reforçar a importância e a luta feminina. Podemos atestar que, à medida com que as mulheres conquistam espaço literário, o machismo e o patriarcado se tornam cada vez mais distantes e menos opressores como em épocas passadas, o acesso à informação, a escrita, a leitura, sempre com o ponto de vista da mulher, vem rompendo a exclusividade masculina que por um grande período teve o privilégio no mundo das letras.

No entanto, “a literatura de autoria feminina ainda se debate pelo reconhecimento dos textos produzidos pelas mulheres, como uma contribuição importante e significativa à sociedade e à cultura de uma nação que, inegavelmente, é formada por homens e mulheres” (Moreira, 2003, p. 21). O ponto primordial dos estudos da literatura feminina, é a perspectiva de mostrar como a opressão da mulher na sociedade ao longo das décadas aplica-se de uma maneira que para mudar os danos praticados, será necessário um trabalho árduo e longo.

3.2 Patriarcado: um lugar de interdição.

Os seres humanos, conseguiram manter uma relação equilibrada entre si e seres irracionais, com base no controle e dominação. O patriarcado é um dos exemplos deste fenômeno. Saffioti (2004, p. 120), explica que:

Quando se passou a criar animais para corte ou tração, sua reprodução mostrou-se de grande valor econômico. Foi fácil, então, perceber que, quanto mais filhos um homem tivesse, maior seria o número de braços para cultivar áreas mais extensas de terra, o que permitia maior acumulação. Passam, então, os seres humanos a se distanciar da natureza e a vê-la simplesmente como algo a ser controlado e dominado. Isto tudo foi crucial para estabelecer entre homens e mulheres relações de dominação - exploração.

Entende-se, que para assegurar a necessidade de dar sequência ao patrimônio construído pelo homem, era indispensável a construção da família baseada em um contrato sexual no qual a mulher deveria se casar exclusivamente a fim de trazer herdeiros. Destacando ainda, a necessidade de fortalecer a paternidade com o objetivo de que a herança em questão permanecesse apenas a filhos legítimos, “essa necessidade da manutenção severa da linha de sucessão exigida pelo patriarcado é criada uma legislação que leve em consideração a problemática do adultério com consequências muito pesadas para o sexo feminino” (FIGUEIREDO, 2006, p. 30).

A visão do adultério, nos faz perceber que as bases fundadoras do pensamento patriarcal, não reconhecem a igualdade de direitos entre os sexos. De uma forma em que surgem questionamentos como: porque o adultério é associado ao problema de honra? Porque o adultério feminino é propício a ser mais condenável que o do homem? Pateman (1993):

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de caso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal - é atributo masculino e dependendo direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar às mulheres para si patriarcal - isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao campo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno (p. 16-17).

O patriarcado pode ser definido como uma base nas quais se firmam as sociedades contemporâneas. Sua característica principal é a autoridade que lhe é imposta sobre as mulheres, os filhos e o ambiente familiar. Tudo que uma autoridade institucionalmente oferece, desde a família até questões de produção, consumo, política, cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e com foco na dominação e exploração.

Existem três mecanismos capazes de localizar na própria sociedade e nela a relação de poder como a interdição da palavra de Foucault. A interdição da palavra se deve quando:

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar em tudo em qualquer circunstância [...]. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (FOUCAULT, 1996, p. 09).

A interdição da palavra destaca a condição da mulher, que em grande parte tem sua palavra interrompida pelo marido, homem, o discurso então na situação de exclusão na qual a mulher é submetida é determinada para então manter uma relação passiva com seu “homem”. Exclusão essa que, no momento desesperador ao qual Francisco Teodoro vivenciou, imaginou uma vida bem diferente se ao menos mantivesse um diálogo maior com sua esposa Camila, compartilhando até mesmo sobre seus negócios.

Na idade média, o marido tinha permissão para dar fim à vida da esposa e até mesmo do amante, mesmo quando a questão fosse apenas de suspeitas. Como dito anteriormente, no caso da mãe do Capitão Rino, que teve sua vida findada pelo marido após cometer adultério, com justificativa do esposo de “limpar a honra”. Devido à época em destaque, final do século XIX e início do século XX, não podemos esperar que o assunto iria dispor de discussão a fim de cessar parâmetros ao que diz respeito ao gênero. Mas, podemos observar algumas críticas dentro da obra de Júlia Lopes de Almeida.

A *falência*, é construída por um grande universo masculino. E é nesse espaço dominado pelo homem, que o português Francisco Teodoro conseguiu toda sua fortuna. É através da figura de tal personagem que Júlia Lopes de Almeida irá apresentar o pensamento corrente entre os homens da época, limitado por um discurso tradicional que designava valores distintos para homens e mulheres, ajudando a reforçar a ideologia de gênero.

A obsessão em ser reconhecido socialmente, a preocupação em resguardar sua expressiva fortuna através de gerações que carregassem o seu nome: “Para o que lhe servia o que juntará se o não compartilhasse com uma esposa dedicada e meia dúzia de filhos que lhe herdaram virtudes e haveres? ” (ALMEIDA, 2019, p. 18).

Além disso, homens como Francisco Teodoro esperam ainda que a mulher dê à luz a um filho varão, dando continuidade ao nome da família.

A interpretação do 'patriarcado' como direito paterno provocou, paradoxalmente, o ocultamento da origem da família na relação entre marido e esposa. O fato de que os homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento - um contrato original que institui o casamento e a família - e de que eles são maridos e esposas antes de serem pais e mães é esquecido. O direito conjugal está, assim, subsumindo sob o direito paterno e as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (família) das mães e dos pais, ocultando, portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres é a abrangência dos direitos sexuais masculino (PATEMAN, 1993, p. 49).

E assim, a família constrói um espaço entre sexo e poder, e o melhor exemplo sobre a questão reside nas relações existentes dentro da chamada família patriarcal que por tanto tempo dominou o cenário brasileiro.

Percebe-se, que no final no século XIX e início do XX a mulher ocupa uma posição de ser escolhida e conseqüentemente dominada. Desse modo, nota-se que Júlia Lopes de Almeida, teve papel essencial nas discussões de gêneros e outros temas em relação ao papel da mulher na sociedade entre os séculos já mencionados. Na sua obra *A falência*, a autora deixa em evidência assuntos de grande importância, como o papel da mulher no casamento, o adultério, em um cenário totalmente patriarcal e que a mulher é marginalizada a funções inferiores e de submissão ao marido/homem.

[...]. Na nova figuração que definiu o indivíduo como o entendemos hoje, foi redefinido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não europeu e de outras culturas. A mulher passou a ser a ajudante do homem, educadora dos filhos, um ser de virtude, o anjo do lar. [...]. A cultura burguesa se fundava em binarismos e oposições tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher. Superior/inferior, que relaciona em última instância a mulher com o outro, a terra, a natureza, o inferior a ser dominado ou guiado pela razão superior e cultura masculina. (DEL PRIORE, 2020. p. 402-403).

Hartmann (1979), define o patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais

a seus dominadores, Saffioti (2004). E a submissão, que as mulheres têm diante do homem, fortalece e reconhece o direito patriarcal dos homens.

O patriarcado então busca uma relação civil e não simplesmente privada; a concessão de direitos sexuais dos homens sobre as mulheres; a hierarquia do masculino presente em todos os espaços da sociedade; uma estrutura de poder baseada na ideologia da violência. Saffioti na obra *“Gênero, patriarcado, violência”* (2004), aborda estudos feministas que buscam desvendar a base material dos processos de dominação-exploração sobre as mulheres.

Por um lado, temos as feministas que abordam o conceito de gênero de maneira a denunciar o domínio do homem sobre as mulheres. Mas para Saffioti (2004), o conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida. Há, porém, feministas que veem a referida hierarquia, independentemente do período histórico com o qual lidam (p. 45). De uma forma mais singela, o gênero é basicamente a representação ou símbolo sobre o que é ser mulher e homem, são ideias geradas desde crianças dentro da sociedade. Mas os resquícios do patriarcado ainda percorrem e estão em constante transformação.

Esses resquícios davam entrada em um ponto dessa hierarquia muito mais além da desigualdade, entrava então a violência. Onde o macho deveria dominar em qualquer circunstância e a qualquer custo, onde a mulher deve suportar pois era o destino da mesma, baseada no processo de dominação exclusiva do homem.

Se todos são socializados para ser machistas, não poderá esta sociedade mudar, caminhando para a democracia plena? Este processo é lento e gradual e consiste na luta feminista. Trocar homens por mulheres no comando daria, com toda certeza, numa outra hierarquia, mas sempre uma hierarquia geradora de desigualdades. As feministas não deixam de ser femininas, nem são mal-amadas, feias e invejosas do poder masculino. São seres humanos sem consciência dominada, que lutam sem cessar pela igualdade social entre homens e mulheres (SAFFIOTI, 2004, p.94).

Saffioti (2004), investiga a violência contra as mulheres com o objetivo de entender os fenômenos sociais por trás dessa violência, especialmente, na perspectiva de que muita dessa violência existe a partir do propósito de preservação

da família, independentemente de como seja essa família, tendo em vista que é uma instituição social que está denominada pelo sagrado.

No Brasil, o início dos debates para a criação de uma lei que coibisse a violência contra as mulheres foi a necessidade de caracterizar a opressão doméstica e familiar como uma violação dos direitos humanos das mulheres e a importância de garantir proteção e atendimento humanizado as vítimas, já que ficou notório que a mulher corria mais riscos de ser vítima dentro de sua própria casa. A violência contra mulher e a impunidade, como figura jurídica da legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais, as quais apresenta uma herança de um sistema escravagista.

Em relação à igualdade, das mulheres situadas nas mesmas condições com os homens, Saffioti (2004, p. 138) destaca que:

É evidente que esta luta não pode (nem deveria) ser levada a cabo exclusivamente por mulheres. O concurso dos homens é fundamental, uma vez que se trata de mudar a relação entre homens e mulheres. Todavia, é a categoria dominada-explorada que conhece minuciosamente a engrenagem patriarcal, no que ela tem de mais perverso.

Já identificamos, que o patriarcado não está somente no sistema familiar, mas no poder público. A soberania masculina proposta pelo sistema capitalista impede que as mulheres decidam e tenham uma voz mais ativa em questões onde o assunto é direcionado a elas. Mesmo com a emancipação do movimento feminista nos últimos tempos, ainda existe um extenso caminho a seguir.

4. PROCEDIMENTOS TEÓRICO - METODOLÓGICOS

Para a execução deste projeto de pesquisa, utilizamos a metodologia de caráter qualitativa, que segundo CHIZZOTTI (2006, p. 20), a pesquisa científica caracteriza-se pelo esforço usando critérios claros, explícitos e estruturados, com teoria, método e linguagem adequada – explicar ou compreender os dados encontrados e, eventualmente, orientar a natureza ou as atividades humanas.

E quanto ao procedimento, trabalhamos a pesquisa bibliográfica, já que o objetivo desse projeto foi identificar ações da condição da mulher dentro da obra de Júlia Lopes de Almeida. Assim, segundo Gil (2002, p. 44) “pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Diante disso, a pesquisa foi realizada a partir de leitura de artigos, dissertações entre outros, com o intuito de ter embasamento em relação ao tema aqui trabalhado. Assim, CHIZZOTTI (2006, p. 58) afirma que:

[...] a pesquisa é uma prática válida e necessária na construção solidária da vida social, e os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa, ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam nem pretendem furtar-se ao rigor e a objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos monolíticos de analisá-la e descrevê-la.

Dito isso, para o desenvolvimento abordamos como Júlia Lopes de Almeida apresenta a mulher na obra *A Falência*. Como a autoria feminina, que por muitos anos foi considerada inferior e de baixa qualidade, e que de acordo com Moreira (2003, p. 22), é no interior desse combate surdo, porque mesclado pela ruptura dos códigos socioculturais vigentes, que a literatura de autoria feminina vem buscando um espaço, o reconhecimento no intramuros do patriarcado, no universo institucionalizado do saber que elegeu o paradigma do masculino como o absoluto, e inquestionável, o todo poderoso.

Por fim, a pesquisa proposta aqui, teve como base a escritora, a literatura, crítica feminina, e a condição da mulher na obra de Júlia Lopes de Almeida.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo a análise literária da obra de Júlia Lopes de Almeida *A falência*, com foco na forma em que a mulher é descrita em todo o romance. Descobrimos que as personagens femininas descritas por Júlia possuíam mais do que o perfil feminino, tinham coragem de lutar e recomeçar mesmo depois de momentos terríveis, como foi o caso de Camila e sua família de mulheres.

Entretanto, as personagens femininas de D. Júlia erguem-se como elementos novos na configuração do feminino. Apesar de compactuar com os valores estabelecidos acerca do matrimônio, elas propõem alternativas à condição feminina, isto é, o trabalho e a instrução passam a fazer parte das necessidades femininas como um valor” (MOREIRA, 2003, p. 105-106).

A luta por esse valor não foi algo que nasceu naturalmente nas personagens da obra. Camila, por exemplo, era uma madame da alta burguesia ao qual vivia por seus luxos e gostava de jardim, mas em que um determinado período passou a viver cometendo adultério. A perda do marido e a desilusão cometida pelo então amante a deu o combustível essencial para continuar seu caminho, ao qual não teria mais uma presença masculina em que era crucial a sua submissão.

Entra então o movimento feminista, que desde sempre vem lutando pela igualdade de gênero. Nesse sentido, identificamos então algumas de suas contribuições para a construção da literatura de autoria feminina no Brasil, onde as mulheres passaram a se posicionar e revidar quanto às duras críticas feitas pela sociedade sendo a maioria conservadora em relação às principais posições que deveriam ocupar. Assim, quebrando tabus desde o simples fato de ter uma educação igualitária aos dos homens, escolha do casamento e principalmente a de ser mãe. Como já mencionado, Júlia Lopes de Almeida não fez pronunciamento se declarando pertencer ao movimento, entretanto suas personagens deixam claro as intenções de pertencimento a um novo tempo, um tempo de mudanças e adequações na sociedade.

Justamente essa possível falta de posicionamento fez com Júlia Lopes continuasse se destacando com as ideias inovadoras em suas obras. Como diz Leonora de Luca (1999, p. 299):

Foi justamente graças às suas pouco agressivas intervenções que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais. Propostas de cunho mais revolucionário iriam bani-la da grande imprensa, principal meio de comunicação de massa da época – condenando-a a permanecer confinada às páginas dos periódicos de circulação restrita.

Com base na condição da mulher, foi possível analisar outros fatores, como o patriarcado que desde de muito tempo aplica sobre as mulheres relações de submissão ao qual não se tinha um equilíbrio dos sexos. Se apropriando das mulheres com o então direito masculino, tanto sexual como psicologicamente, fazendo parte do contrato de casamento. E dentro deste então contrato, o adultério surgia como algo que naturalmente pertencesse às relações masculinas, “as infidelidades femininas aparecem como resultado de uma estrutura social medíocre, que tem o retorno de sua própria insensatez ao tratar as mulheres como cidadãs de segunda categoria e colocá-las num espaço sociocultural inadequado, injusto” (MOREIRA, 2003, p. 110). Dentro desse quadro podemos ver a participação do patriarcado em um assunto que não é pertencente a um grupo específico, as duras críticas são voltadas sempre para a mulher.

Os moldes do patriarcado impulsionaram um atraso em relação ao pertencimento da mulher letrada, assim explica a ausência da autoria feminina por um longo período. E “o feminismo instaurou um modo particular de ver o mundo, que revela o princípio arbitrário, não natural da realidade; masculino e feminino, em sua historicidade dinâmica, passaram a ser identidades sociais, configuradas ao longo de processos de significação” (MOREIRA, 2003, p. 19). Conforme as mulheres produziam seus trabalhos, ocorriam de alguns homens ficarem na retaguarda em relação ao reconhecimento e elogios aos trabalhos femininos, a mulher então como escritora tinha seu lugar de fala quando assuntos eram direcionados a elas. Essa ideia de lugar de fala impulsionou a expectativa em relação às produções como iguais, masculina e feminina.

Sob o novo regime, a mulher deve ser instruída, ir à escola para formar-se e, até ganhar a vida. Passa então a ler revistas e jornais com seus folhetins, romance e poesia. Passa também a escrever e aspira a ser escritora, apesar do caminho mais do que árduo (ELEUTÉRIO, 2005, p. 17).

Contudo, o sistema ainda era maior que os desejos. Destacamos a facilidade com que Júlia Lopes caminhava entre os séculos onde a posição social era bem mais determinante dos méritos quanto à capacidade, mas sem negar que sua narrativa possuía tremenda qualidade. A autora “serviu como testemunha histórica da condição feminina na burguesia carioca em fins do século XIX” (MOREIRA, 2003, p. 179), com a marca histórica entre as mulheres onde sempre que possível e dentro do quadro estabelecidos em sua época e social ao qual pertenceu, instaurou a memorial literária feminina. “Júlia Lopes de Almeida conseguiu ser mais que criatura, tornou-se criadora, numa época em que a pena era instrumento essencialmente masculino” (MENDONÇA, 2003, p. 295).

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das noivas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1896.

_____. **A mensageira**. São Paulo: Imesp/Daesp, 1987. v. 1. p. 3.

_____. **A Falência** / Júlia Lopes de Almeida. - 2. ed. - Jandira, SP: Principis, 2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

DE LUCA, Leonora (1995). **Julia Lopes de Almeida (1862-1934) e o feminismo no Brasil da virada do século**. Iniciação Científica, IFCH-UNICAMP.

_____. **O 'feminismo possível' de Júlia Lopes de Almeida (1862- 1934)**. Cadernos Pagu. Campinas, vol. 12, p. 275-299, 1999.

DEL PRIORE, Mary - **A mulher na história do Brasil**/ Mary Del Priore - 4. ed. - São Paulo: Contexto, 1994. - (Coleção Repensando a história).

_____. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos avançados, São Paulo, 2003, v.17, n.49, p.151-172.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Vidas de Romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculo 1890 - 1930**. Topbooks. Rio de Janeiro- RJ, 2005.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. **Júlia Lopes de Almeida: o adultério feminino em A Falência**. 132 f. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp020444.pdf>. Acesso em 23 março. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas S.A.,2002.

GONÇALVES, Campos de Brito, Mariana. **Literatura de autoria feminina na América Latina** / Mariana Gonçalves Campos de Brito. -- 2021. 33 f.

HARTMANN, Heidi (1979a) **The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More progressive Union**, Capital and Class, Nº 8, pp. 1-33. Versão muito semelhante foi publicada em 1981, In SARGENT, Lydia (org.) **Women and Revolution – A Discussion of The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism**. Boston: South End Press, pp. 1-42. _____. (1979b) Capitalism, Patriarchy, and Job Segregation by Sex. In: EISENSTEIN, Zillah R. (org.) op.cit., pp. 206-247.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Tendências e impasses - **O feminismo como crítica da cultura**. - Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOWES, Robert. Honra, **Adultério e Patriarcado em O Marido da Adúltera de Lúcio de Mendonça e A falência de Júlia Lopes de Almeida**. São Paulo, 2019, Editora: Todas as Musas. Disponível em: https://todasasmusas.com.br/20Robert_Howes.pdf. Acesso em 26 março. 2023.

LOBO, Luísa. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rev. Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 1998.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE; BASSANEZI, op. cit., p. 446.

MENDONÇA, Cátia Toledo. **Júlia Lopes de Almeida: a busca da liberação feminina pela palavra**. Revista Letras, n. 60, pp. 275-296, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2869>. Acesso em: 16 maio. 2023.

MENDONÇA, L. de. **As três Júlias**. Jornal República, Rio de Janeiro, 6 mar. 1897.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**/ Nadilza Martins de Barros Moreira - João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

PATEMAN, C. **O contrato Sexual**. São Paulo/ Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993. A primeira edição é da Polity Press, em colaboração com Blackwell Publishers, em 1988, The Sexual Contract.

RIO, J. Do. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência** / Heleieth Iara Bongiovani Saffioti. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. - (Coleção Brasil Urgente).

SILVA, Cristiane Viana da. **A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914** / Cristiane Viana da Silva. - 2014. 176f.

SPACKS, Patrícia Meyer. **The female imagination**. Nova York, 1975, pp. 19-32.

TAMBA, Nahete de Alcântara Silva. **Júlia Lopes de Almeida e sua trajetória de consagração em o país**, 2015. 263f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERÍSSIMO, José. **Letras e literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Topbooks, 1998.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elóida. **Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória**. Rev. Mulher e Liter., Rio de Janeiro: 1998. Disponível em: <http://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>. Acesso em: 27 abr. 2011.

ZOLIN, L. O. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. Ipotesi (UFJF), v. 13, p. 105-116, 2009.

_____. **Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura**. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.